

FLOR DO CAFEZAL

*Agnaldo Aparecido Campos**

A enxada começava a pesar nas mãos pequenas, calosas. Pousou o cotovelo no cabo da ferramenta, a outra mão servindo de rastelo ao suor, caldo roxo escorrendo pelo rosto empoeirado. Olhou no horizonte o sol, ardente, queimando-lhe as entranhas. Suspirou, arfou pesadamente e voltou a inclinar-se sobre a terra fofa, pronta para a sementeira. Mas sentia em si o mofo. Era isso o que o marido evitava? Por que não lhe descobria o corpo com a mesma vontade que cobria a terra...

– É hora! Passou por ela o homem dizendo sem diminuir o passo, chapéu cravado na cabeça até as sobrancelhas.

Seguiu-o arrastando, indolente, o instrumento de capinar. Pensou que os pés de café eram tantos que não acabavam mais, assim como um grande rio que não se vê o fim, mas se sabe onde começa. Não falava em comparação com o mar pois, deste, só sabia de ouvir contar. Era salgado! Seria? Só vendo! Foi aí que viu, já no terreiro de casa, o marido bombeando a água do poço. A manivela produzia um leve rangido enquanto uma haste subia e descia por um orifício, previamente engraxado, sugando o líquido cristalino que jorrava à vontade. O suor escorria das costas nuas e negras daquele homem. Com uma cabaça, ele jogava a água na cabeça, deixando escorrer pelos ombros até os quadris, pernas abaixo.

O som seco da enxada, largada ao chão, misturou-se ao da água sendo vertida no terreno ressequido. Já as pequenas mãos, ásperas, tocavam os ombros fortes. Esquivou-se o homem, como se todo o seu corpo se indignasse.

– Que que é isso?!

* Pós-graduando em Teoria Literária – FFLCH/USP.

- Que é que tem? Eu sou tua mulher...
- Coisa de mulher da vida! Vai, apronta o de comer.
- Coisa de mulher da vida! Vai, apronta o de comer.

Olhou-o, envergonhou-se. Por que sempre tinha que se sentir assim? Ah, esse amargo no estômago... elas, as mulheres damas, se sentiriam assim também? Pensou em rir. Sentiu pena das pobres, aquelas mulheres... mas esse ardor não a abandonava. O sol se punha, mas havia agora a lenha a queimar sob as painéis insistindo em abrasar-lhe.

Puxou a toalha xadrez e cobriu a mesa. Empurrou o prato fundo, deixando ao lado a colher. Foi encher a tina d'água para o banho. Ouvia o soar metálico da colher na mão do marido, batendo no fundo do prato. A lamparina mal iluminava o aposento, antes criava imagens que ela não gostava de olhar. Dava medo. Despiu-se e ao colocar o pé na água, a porta abriu-se: – Não espera! Chego tarde. Ela virou-se para dizer qualquer coisa, mas ele não ouviu. – Entra logo, pra que ficar assim se amostrando? E saiu. O fel subiu das entranhas à boca. Só pôde sentar-se tentando refrescar o corpo febril. Com a bucha esfregou o couro retirando mais que a poeira daquele dia. Empapou de água a esponja e comprimiu-a vendo cair toda gota. E, então, chorou... e exausta sonhou. O sol quente atrapalhava o trabalho, mais que de costume. A claridade cegava. Mais e mais sentia aquele calor que ia consumindo seu coração, ovários, útero. Pareceu-lhe um dia como outro qualquer, até pela forma de parar a enxada para retirar do rosto o suor, não fosse aquela sombra junto ao pé de café. Viu o homem, de costas, as mãos ocupadas, a foice largada no chão. Dele vertia água que era bebida pela terra esturricada. Ele sorria ao voltar-se para ela. Aquele sorriso, podia lembrar-se, vira poucas vezes, no início do namoro e no dia em que seu pai permitiu o casamento. Mas havia algo diferente, frio, naquele riso. Ao baixar os olhos, viu as duas mãos, fortes, ocultando o ventre. O calor aumentava e via as gotas escorrerem pelo corpo do homem. Virou-se, agonizada, e percebeu que o cafezal ardia em chamas. Gritou com o marido e correu. Ele, sorriso na boca, vinha calmamente por entre o fogaréu; o inferno devia ser assim. E aí viu-se cercada pelas labaredas que esticavam seus braços e longos dedos para tocá-la. Corria em desespero, pensando que o marido estivesse morto, o vestido a queimar e... sem um vermelhão, ela... nua, correndo por entre altas línguas de fogo. Percebeu que não se queimava. Tocou-se e ao levantar os olhos não havia mais fogo, apenas terra seca, restos de plantação de onde subiam fios de fumaça. Andou pelo chão de carvão e teve medo de queimar os pés, mas precisava encontrar o marido. Vagou pela

imensidão de terra devastada e quando já o desespero se apresentava como única reação, sentiu algo pontiagudo sob os pés: eram a foice e a enxada cruzadas ao lado do que fora um pé de café. Abaixou-se para pegá-las e foi então que ouviu algo terrível. Tentava levantar-se mas alguma coisa parecia grudá-la ao chão. Só depois de angustiante resistência foi que abriu os olhos muito arregalados. – Que foi? Ficou aí a noite inteira? Tá dando pra variar? Disse o marido se levantando em direção ao quarto. No silêncio, secou o corpo de olho na lamparina. Temia que se extinguisse antes de estar pronta. Em segundo estava na cama. O homem ressonava. Sentiu aquele mesmo odor que ele trazia todas as vezes da cidade: o cheiro que ele negava ao seu corpo. Virou-se e procurou abafar as brasas que lhe consumiam, engolindo lágrimas. Assim, adormeceu.

E desta forma poderia terminar a história, não fosse este apenas o preâmbulo do que veio a suceder. Pois um sujeito, desses branqueles como ela, cabelo cor de fogo, começou a se engraçar para o lado da Agnes, por todos chamada Agni. Ladino, Tiago não perdia oportunidade de puxar o rastelo perto da moça. No começo, sem maldade, ela retribuía os sorrisos que ele lhe lançava. Começou a desconfiar quando ele, vez por outra, se tocava debaixo de algum pé de café, fazendo coisas que só ela imaginava o que poderia ser. Enrubescia, então. Mas nunca lhe dirigiu a palavra, a não ser para responder o que Tiago perguntava, mesmo assim, seca, sem querer dar continuidade a assunto. Ele a achava soberba. Era? Que ele pensasse como lhe aprouvesse. Cada um compra o peixe é conforme seu estado de escamas.

Deu-se que o homenzinho tinha opinião e mais foi se achegando ao casal, firmando amizade com o marido. Agora, depois da dura lida na roça, Agnes ainda precisava cuidar de mais uma boca à mesa. – Dona Agni cozinha bem... gabava o russo lambendo a colher. – Pois vamos, seu Tiago, tomar nossa cachacinha, dizia ainda mastigando algo o mulato, levantando-se, caçando o chapéu no encosto da cadeira. E lá se iam para os bordéis da cidade enquanto ela terminava a arrumação. Antes de dormir, ainda trocava a fronha do travesseiro do marido. Gostoso dormir numa cama limpinha, sem cheiro nem mácula... é o que sempre pensou, é como gostava que fosse.

Não viu a hora que o homem chegou, bêbado, e deitou-se sem nem tirar os sapatos. O galo cantou quando ela já tinha pronto o café. O aroma despertou o borracho: entrou na cozinha, apanhou uma canequinha de ferro esmaltado e virou o bule. Ficou alguns instantes olhando a fumaça se perder, balançou a cabeça

retornando das lembranças e sorriu matreiro, sorvendo em grandes goles a bebida que a esposa preparara. – Vamos, já é tarde!

Disse puxando a enxada às costas ao sair. Agnes estava pronta, bastava pegar a sua ferramenta e segui-lo. Lá se foram plantação adentro.

O sol castigava mais que de costume. Uma mulher ia passando a talha com uma concha para todos matarem a sede. Agnes bebeu bastante e molhou o lenço prendendo-o ao pescoço. Alguns momentos, trabalhavam várias pessoas no mesmo espaço, dali a pouco afastavam-se e, por instantes, ficavam sós na vastidão de pés de café pedindo rastelo. Foi numa ocasião dessas que Tiago apareceu como quem vinha do nada e agarrou-a pelas costas. Sentiu o desejo dele e tentou desvencilhar-se. Como fosse impossível, tentou gritar sendo sufocada pela mão pesada. Beijou-a. Ela, inerte, virou o rosto e cuspiu. Seu nojo e a frieza com que o olhava transtornaram-no. Ele empurrou-a: – Pensa que é melhor que as outras? Não é não! Você vai desejar ter sido minha. E retirou-se.

Agnes tentou voltar ao trabalho, mas uma revolta doía-lhe o estômago e as lágrimas não paravam de escorrer. As outras mulheres perguntavam o que ela estava sentindo... – Nada! Ela não podia, não queria falar. Antes pudesse se esconder em um buraco, uma vala, ou em baixo de um pé de café... mas o trabalho não conhece trégua, apenas lucro e o feitor logo pôs todas de volta à lida. Foi um dia de suor e muito choro fininho, sentido.

Lá pelas tantas, já em casa, o marido, de pito aceso após o jantar, olhou para ela e perguntou: – Que foi? Tá com os olhos vermelhos... ela respondeu que a ventania do fim de tarde lhe deixara ciscos de terra. – Hum! Resmungou ele, sem ter ouvido, o olhar perdido lá fora, em direção à cidade.

– Vem! Ordenou ele entrando no quarto. Como um cordeiro ela foi aninhar-se na cama. O fogo que lhe consumia havia dias, agora voltava a aquecê-la. Mas os modos mecânicos do marido, a cabeça virada para o lado – nem ao menos um beijo ele era capaz de lhe dar – e pronto: ele já se virava para dormir. Sentiu raiva pela primeira vez e, num impulso, pulou em cima do homem e começou a beijar-lhe a boca, o peito, e... um tapa violento jogou-a do outro lado. – Que que é isso?! Virou vagabunda? Te aquieta e dorme, mulher! O moreno recostou a cabeça no travesseiro e logo dormiu. Agnes encurvou-se e engoliu sua dor.

No meio do trabalho, Tiago resolveu puxar conversa com o companheiro, até aquela hora do dia calado, caladíssimo: – É nada não, seu Tiago! Resmungou o homem sem parar de ferir a terra com a lâmina da enxada. – Menos força, compa-

nheiro. A terra precisa de carinho pra dar boa sementeira. O outro parou, olhou em volta, puxou do bolso fumo e palha: – Seu Tiago, mulher casada que se deita feito mulher-dama, não merece confiança! O russo desconsertou-se. – Já que o companheiro tá dizendo... olhe, há muito que venho reparando no jeito de dona Agni, com todo respeito. Parece ser boa moça, mas se vê um não sei que nos olhos dela que não fica de acordo em mulher que tem seu homem. O negro empertigou-se ouvindo o outro e pareceu-lhe que estava certo. Por que confiar nela? De uns tempos para cá andava estranha, uns jeitos... – Pois meu amigo, disse o outro batendo-lhe nas costas, é o que digo: quem tem bom cercado não teme ladrão. – É russo, ocê tá certo! E voltou a capinar enquanto o outro olhava-o de banda, um sorriso maligno no canto da boca.

Desde então o ruivo passou a, cercado de cuidados, deixar escapar uma ou outra suposição, uma ou outra desconfiança, uma ou outra dúvida, que o outro incorporava ao ódio crescente. Agnes já não o reconhecia mais. Evitava-a por longos períodos e quando a procurava, machucava-a sentindo um misto de raiva e prazer. Tiago sentia o mesmo prazer mórbido ao ouvir os relatos: – Isto mouro! À esta casta de viboras não se deve tratar de outra forma... não vê que a serpente foi a desgraça do primeiro homem: Adão? É preciso castigar mais!

As luas iam e vinham completando seus ciclos. O trabalho, sempre árduo, agora era amenizado pelo descanso do sol, mas havia o vento gelado, a terra molhada e as geadas.

Ao levantar naquela manhã para preparar o café, Agnes sentiu nos ossos que algo havia acontecido. Abriu a janela, estreita, e viu que a criação se encorujava nos poleiros. Terreiro vazio, tudo parado. Era o fim? Chamou o marido. Ele voou plantação adentro. Voltou desolado: a geada queimara todos os pés de café. Tudo perdido, o suor de meses, congelado, como o olhar que ele lançara à mulher. Instintivamente ela puxou o xale tapando o decote. – Vem ver! E foi puxando-a pelo braço. Andaram cafezal e cafezais. Em alguns pontos a névoa branca de gelo ainda persistia. Pararam longe, onde o silêncio abafava a voz. – Sabe do que é digna uma mulher que perde a vergonha? A voz dele agasalhava um frio cortante, de morte. Ela não conseguia entender, não merecia o que ele vinha fazendo. O marido insistia, se aproximando. Agnes deu-lhe as costas. Já não podia encará-lo. Mas sentia o hálito quente quando ele falava próximo ao ouvido, cochichado. O pavor ia aumentando, os reflexos congelados, a voz do marido que parecia multiplicar-se. E então, como no sonho quando não conseguia mover-se, de repente algo explodiu em sua

cabeça e ela corria, o xale balançando ao vento, os ramos de café queimados pelo frio lanhando-lhe o rosto, o franzino corpo. Para onde prosseguir? A voz do crioulo gritando seu nome entre porcarias estava em seus calcanhares, mas ela corria e disparava e... caiu. Levantou-se e impulsionou o corpo sempre em frente, mas algo como uma parede derrubou-a de volta à terra fria, estéril. Ainda tonta viu-se levantar pelo braço e com a outra mão recolheu o xale. – Ela está aqui, companheiro! Gritava o ruivo, mordendo os dentes. Perturbada, ela ia do rosto do marido ao do pérfido Tiago. Agora começava a compreender. – Hein, sabe por quê? Por que uma mulher perde a vergonha?! Urrou o marido passando as mãos pelo fino pescoço. Como cordeiro, indefesa, Agnes entregou-se. O ar gélido começou a faltar. Sentiu o chão sumir aos pés quando o moreno levantou-a frente ao êxtase do outro, o ruivo. – Aperta, aperta! Grunhia ele. – Quero ver se essa vagabunda enjeita outro... e, de súbito, Agnes sentiu o corpo batendo pesadamente no chão úmido, quase tão gelado quanto ela. Era difícil respirar. Puxava o ar desesperadamente e ouvia murmúrios, mas não enxergava nada. Demorou até que o sangue corresse normalmente por suas veias. Queria abrir os olhos, mas tinha medo de enxergar o que se passava. Uma mão pequena, tão calosa quanto a sua, e mais enrugada, começou a aquecer as dela. Abriu os olhos, viu a mulher da talha d'água, sua companheira. Reconheceu o quarto, a cama limpa, como ela gostava. Quis saber do acontecido. O ruivo estava morto, varado pelo facão do marido. Mas ele também se acabara na faca do outro. Agnes virou o rosto fixando um ponto na parede. Não iria chorar. Ele não a queria seca? Até ali ela fora e agora seria. – Ele pediu perdão antes de se ir... lamuriou-se a mulher. Agnes fechou os olhos. E uma repentina compaixão foi se instalando nela. Levantou-se, abriu as caixas onde guardava suas coisas, poucas. Escolheu alguns pertences, amarrou tudo numa trouxa. O povo, do lado de fora, contrito. Olhou para todos sem ver nenhum e, passando por eles, ainda disse: – Depois vou cuidar de mim... e caminhou para o cafezal; recolheu caroços do fruto que não tinham maturado e guardou-os entre os seios. Alguns passos a frente o tinto vermelho coloria os restos de neve e folhas junto ao pé de café. Agnes puxou o xale cobrindo-se. Levantou o rosto para receber um pouco de sol e viu, num ramo, uma flor branca que persistia. Sorriu. Algo sobrevivera.

POEMAS INÉDITOS

*Sebastião Milani**

TEORIA DA CARNE E DA REENCARNAÇÃO

Pensava ter encontrado a solução.

Antes era duro suportar a ausência.

Durante, o desespero das taras e da fome.

Então come homem, come que teu mal é fome.

Passa o tempo. Passou a luz, vieram as horas, veio a escuridão

E a fome voltou.

O homem pensou que não há solução.

O homem está só na cama que começa, enquanto o sono não vem.

Ele sabe que um dia acaba em uma noite muito longa.

Ele pensa em encurtar o dia. Pode, mas não deve.

O sono solitário da noite que não acaba,

É a solução para a solidão do dia?

* Doutorando em Semiótica e Lingüística Geral – FFLCH/USP.